Poços de Maré

Vinhas do Pico

siaram
sentir e interpretar o ambiente dos Açores

http://siaram.azores.gov.pt

Os Poços de Maré são algumas das referências da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Património da Humanidade, e no âmbito desta paisagem cultural figuram como valores culturais. A sua presença na paisagem é mais um dos grandes marcos daquela que foi a gigantesca epopeia da labuta do Homem do Pico, na transformação da paisagem desta ilha em proveito da sua própria sobrevivência.

Encontram-se em grandes números ao longo da faixa costeira, dado que nesta parte da ilha do Pico a sua existência era insubstituível para o acesso à água, dada a inexistência de fontes, nascentes, ou ribeiras (desde a freguesia de Santa Luzia seguindo para Oeste até à freguesia de São Mateus).

É também na Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Património Mundial - que se encontra o poço de maré mais distante da costa na Ilha do Pico – o Poço do Aço, que se encontra a mais de 700 metros da linha de costa, numa propriedade privada da freguesia da Criação Velha.

Os poços de maré podem ser interpretados como um símbolo de poder ou de um determinado estatuto social, ou então por antagonismo, podem estar associados aos meios de produção primária, como também podem ser um elemento aglutinador e um bem protegido por uma comunidade.

Dentro das propriedades vitivinícolas onde se localizam os solares, ou casas solarengas, bem como junto a casas conventuais perto da orla costeira, existe sempre um poço de maré, que pelo seu valor ficava enquadrado na entrada principal da propriedade, enquadrando-se no espaço numa posição central privilegiada, imprimindo um grande protagonismo relativamente à fachada principal e mais imponente do edifício: como exemplos mais significativos temos o Solar dos Salgueiros (no Lajido de Santa Luzia), e o Solar dos Arriagas (no Guindaste). Desta forma, o próprio poço de maré era interpretado como um símbolo de poder na organização hierárquica social da época, pois só as famílias mais abastadas e com importância considerável na sociedade é que tinham o privilégio de se dar ao luxo de construir o seu poço de maré, para terem a sua própria água.

Para além de fornecerem água para fins domésticos, os poços de maré eram imprescindíveis para o funcionamento dos alambiques, dada a necessidade de grandes quantidades de água, e de renovação de água para arrefecimento das serpentinas, e lavagem das caldeiras de destilação. Por isso é que, na Paisagem da Cultura da Vinha – regra geral –, junto de um alambique existe sempre um poço de maré.

Por norma, os poços de maré de carácter comunitário, são encontrados ao longo das antigas canadas, que culminavam junto à costa. Estas canadas – estradas da época – ainda hoje têm impressas as rilheiras que comprovam a passagem intensa de carros de bois que transportavam diariamente, entre outras coisas, pipas de água para as populações mais distantes.

Texto Mónica Goulart - Arquiteta
Gabinete Técnico da Paisagem Protegida da Vinha do Pico

Fotos Paulo Henrique Silva/DRA

Governo dos Açores

DIREÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE

Atualizado em agosto 2016